
HOMENS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA FÍSICA ADQUIRIDA: ESTIGMAS E PRECONCEITOS VIVENCIADOS QUE INTERFEREM EM SUA SEXUALIDADE

RESUMO EXPANDIDO

SANTOS, Wine Suelhi dos; DIAS, Josefa Cristina; KIAN, Giselle de Cordeiro; SILVA, Pedro Ykaro Fialho; RODRIGUES, Lindaiane Bezerra

Faculdade Leão Sampaio (CE), Brasil

Recebido em: 08/12/2014; Aceito: 16/01/2015; Publicado: 24/02/2015

RESUMO

A deficiência física adquirida advém de fatores extrínsecos, como: traumas, contusões, acidentes. A sexualidade é holística e é um fator intrínseco do ser humano. O objetivo desta pesquisa é investigar o impacto dos estigmas e preconceitos que interferem na sexualidade masculina de indivíduos com deficiência física adquirida. Trata-se de um estudo descritivo e exploratório realizado em campo que possui caráter qualitativo. Realizado na Cidade de Iguatu-Ce, realizado nos meses de janeiro e fevereiro de 2014, com uma amostra de 10. Indivíduos com comprometimentos mais sérios, frequentemente têm suas relações sexuais físicas tolhidas pelo preconceito, mas, isso não as impossibilita de buscarem maneiras e possibilidades de vencerem os estigmas impostos. Políticas públicas de saúde voltadas a saúde do homem devem ser desenvolvidas para que essa parcela da população seja melhor assistida, sendo que, as mediadas de educação deveriam ser desenvolvidas para que a população conhecesse mais sobre a vida de pessoas com deficiências e soubesse que os mesmos podem ter uma vida como a de todos, incluindo realizarem atividades sexuais.

Palavras-chave: Deficiência física adquirida; Sexualidade; Homens; Preconceito.

ABSTRACT

Physical acquired deficiency comes from extrinsic factors such as trauma, bruises, accidents. Sexuality is holistic and is an intrinsic factor of the human being. The objective of this research is to investigate the impact of stigma and prejudice that interfere with male sexuality of individuals with acquired physical disability. This is a descriptive and exploratory study in field that has qualitative character. Held in the city of Iguatu-Ce, held in January and February 2014, with a sample of 10 individuals with more serious impairments often have their physical sex hampered by prejudice, but that does not make it impossible to seek ways and chances of winning the taxes stigmas. Public health policies aimed human health should be developed for this population be better assisted, and the mediated education should be developed so that people know more about the lives of people with disabilities and knew that they can have a life like everyone, including performing sexual activities.

Keywords: Physical disability acquired; sexuality; men; Prejudice.

INTRODUÇÃO

As deficiências físicas podem ser congênitas ou adquiridas, neste último caso, podendo ser advindas de um acidente, trauma ou doença. A sua ocorrência pode imprimir marcas no corpo da pessoa que, por sua vez, tem a capacidade de afetar seus sentimentos e sua identidade como um todo e, conseqüentemente, gerar sentimentos de impotência, inferioridade e desprezo. As transformações que são permanentes na existência do ser humano geram, inicialmente, um contato muito difícil desses com o mundo. Ao afetar o psicológico, o social e o físico a imagem de corpo e a sexualidade são de imediato atingidos (MARTINS, 2009).

Conceituar sexualidade está além das atividades sexuais biológicas e fisiológicas, é considerá-la como um aspecto intrínseco do ser humano que abrange também os componentes sócio-culturais, psicológicos e éticos do comportamento sexual. Não está ligada somente à genitália masculina ou feminina, mas sim, a um conjunto de sentimentos, pensamentos e emoções que levam a prática do erotismo propriamente dito (FRANÇA; CHAVES, 2005). Dessa forma, a sexualidade assim como a deficiência, é um fator socialmente construído. O julgamento que é lançado sobre os corpos dependerá do momento vivenciado, da história e cultura presentes (MAIA; RIBEIRO, 2010).

Segundo dados do Censo Demográfico de 2010, mais de 45 milhões de pessoas declararam ter pelo menos um tipo de deficiência, correspondendo a 23,9% da população brasileira e, 21,2% da população masculina mundial, ou seja, mais de 19 milhões de homens apresentam alguma deficiência (IBGE, 2010).

Os dados demográficos de 2010 mostram que a Região Nordeste concentra os municípios com os maiores percentuais. No Ceará, temos cerca 257 mil deficientes na categoria motor, do sexo masculino. O município de Iguatu possui uma população masculina com aproximadamente 46.425, dos quais quase 3.000 são deficientes motores (IBGE, 2010).

Portadores de deficiência física adquirida têm o auge de suas vidas profissionais e pessoais abruptamente interrompidas e modificadas. O homem, em particular, é tido como símbolo de masculinidade e fertilidade e, pautado nesse conceito, ao adquirir uma deficiência física, se vê diante da perda dessa masculinidade gerando na sua grande maioria uma desvalorização de si como homem e um distúrbio de imagem (SILVA; ALBERTINI, 2007).

Para Teixeira e Guimarães (2006), o que está por trás da deficiência não é a patologia, mas sim, atitudes que denunciam pura desigualdade. E, essa desigualdade está associada à deficiência de quem luta pela vida, caracterizando um obstáculo no seu percurso. Para os autores, o reconhecimento da cidadania e da identidade do deficiente será o retorno à vida, possível somente por meio da construção de leis e decretos que promovam a valorização da pessoa como ser integral e não visionada por limitações físicas aderidas a próteses, bengalas, cadeiras e aparelhos.

Quando acontece uma negação da sexualidade dos deficientes, colabora-se para o surgimento de comportamentos sexuais inadequados. Essa negação contribui para que o portador de deficiência apresente dificuldades para se tornar mais independente, bem como para desenvolver sua sexualidade e construir outros relacionamentos (SANTOS, 2007).

Os problemas de sexualidade vivenciados pelos pacientes do sexo masculino com deficiência física incluem, além de outros fatores, acesso limitado às informações sobre sexualidade, a falta de oportunidade para formar relacionamentos amorosos e a auto-estima prejudicada. Em uma sociedade na qual se supervaloriza beleza e perfeição, pessoas com alguma deficiência, homens em particular, deixam de ser valorizadas pelo seu potencial e passam a ser vistos como desprovidos de encantamento. Estudos relatam que, o que o torna a sexualidade desses pacientes uma questão tão complexa são fatores como preconceito e desinformação (PEREIRA, 2006; BAPTISTA, 2011).

O objetivo desta pesquisa foi investigar o impacto dos estigmas e preconceitos que interferem na sexualidade masculina de indivíduos, clientes das unidades de saúde do Município de Iguatu-Ce, com deficiência física adquirida.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório realizado em campo que possui caráter qualitativo.

O estudo do tipo qualitativo é aplicado quando se aprecia informes subjetivos, não podendo se utilizar instrumento de medida preciso, pois, possivelmente resultará na necessidade de realizar análises de um único caso em particularidade ou de não se obter dados sobre o assunto desejado. Assim, pela importância que esse tipo de pesquisa apresenta em relação à coleta e interpretação dos dados, justifica-se a utilização dessa abordagem nesse estudo (LEOPARDI, 2002).

Esta pesquisa foi realizada na cidade de Iguatu-Ce. Inicialmente foram coletados os nomes e endereços dos indivíduos com deficiência física junto aos agentes comunitários de saúde, de quatro Unidades Básicas de saúde da zona urbana do município de Iguatu-CE. Algumas unidades procuradas não apresentavam nenhum deficiente físico que se enquadrasse nos critérios de inclusão citados logo abaixo.

Os critérios de inclusão foram clientes que sejam portadores de deficiência física adquirida, do sexo masculino, com idade entre 20 e 45 anos, que aceitaram participar espontaneamente da pesquisa e que apresentaram residência no município de Iguatu-Ce.

A amostra foi de 10 (dez) portadores de deficiências físicas adquiridas do sexo masculino que apresentam residência na zona urbana da cidade de Iguatu,

no estado do Ceará e que atenderam aos preceitos metodológicos da pesquisa.

Os sujeitos apresentam-se denominados pela letra H, seguido de uma ordem numérica que vai do número 1 ao número 10, mantendo assim, a identidade dos participantes em sigilo.

Foi realizada uma entrevista semi-estruturada, contendo perguntas abertas sobre o tema proposto. A mesma foi gravada e registrada para melhor desenvolvimento da análise de dados. Realizou-se a entrevista com os participantes no domicílio de cada um, com a sua devida autorização verbal, por ser um lugar mais apropriado, com relação a temática a ser tratada e, pela própria condição física dos entrevistados.

Os dados foram obtidos pelas pesquisadoras deixando-se claro a garantia do anonimato e a livre escolha de desistência à participação da pesquisa. As entrevistas foram previamente agendadas. Os dados foram coletados nos meses de janeiro e fevereiro de 2014.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Identificar e esclarecer os mitos, estigmas, preconceitos e idéias equivocadas sobre a sexualidade de homens com deficiências é uma tarefa importante porque essas crenças podem atingir negativamente a todos (MAIA, RIBEIRO, 2010).

O preconceito da sociedade influencia na vida social e sexual dos indivíduos com deficiência, como demonstrado a seguir:

“(...) o preconceito da sociedade incomoda muito. Antes eu usava camiseta cavada e não uso mais. Não gosto de mostrar minha deficiência. É que alguns me tratam diferente, me chamam de aleijado e fala que eu deixo o braço em casa pra não exercer minha função no trabalho. As pessoas até perguntam: Quando eu vou ao banheiro como é que eu faço? Quando eu saio com uma mulher como ocorre uma relação com um deficiente como eu? Eu tento levar na esportiva e respondo tudo naturalmente e digo que faço como todo mundo(...)” (H5)

Outra manifestação de estigma está relacionada ao sentimento de piedade, englobando termos como, por exemplo, pena, dó, coitado, inválido, aleijado, etc. Todos se referindo a sentimentos de compaixão por uma desgraça ou infelicidade na vida. A expressão desse sentimento, dessa palavra mais especificamente, é interpretada, pela pessoa com deficiência física, como uma atribuição de valor que reportar-se à imperfeição, à falta de beleza, à incapacidade e, sobretudo, à desvantagem, levando a um conceito

socialmente desvalorizado (MARTINS, BARSAGLINI, 2010).

A partir do que relatam os autores acima, foi observado nesse estudo que essa é uma rotina bem comum entre as pessoas que se deparam com deficientes físicos e que, por atitude preconceituosa ou não, acabam dizendo o que não deveriam dizer ou simplesmente lhe lançam olhares que atingem insatisfatoriamente os sentimentos do indivíduo portador de deficiência. Observe o que diz os entrevistados logo abaixo e que confirmam o que foi supra referido pelos autores:

“Me chamam de aleijado (...). A gente passa e o povo fica olhando como se a pessoa fosse de outro mundo. Olha como se a gente tivesse incapacitado de fazer tudo” (H1)

“Sofro. Assim, os amigos olha normal. Mas as outra pessoa... Uma pessoa que num conhece a gente pergunta as coisa. Pergunta, tem nojo. Uma pessoa perguntou se num dói e disse que tem nojo, ela disse que sente ripunância. Muita gente diz isso. Ai essa pessoa que disse isso ela saiu de perto de mim. Isso acontece em muitos cantos mais eu tento não ligar, vou fazer o que?” (H4)

Condé (2006) corrobora que indivíduos com comprometimentos mais sérios, frequentemente têm suas relações sexuais físicas tolhidas pelo preconceito. Mas, isso não as impossibilita de buscarem maneiras e possibilidades de ultrapassarem estes obstáculos.

“Bom, preconceito sim, sempre tem (...). Algumas mulheres ficam indiferente, mulheres que conheci anteriormente. Me chamam de aleijado mais eu corto logo, eu não gosto e sempre tem aquelas perguntinhas chatas de como eu faço sexo, que o negócio num levanta mais, etc. As vezes até brinco e pergunto se num querem que eu tire uma foto e, digo que faço até melhor que eles (...). Eu penso que num devemos reclamar porque sempre tem alguém pior que a gente, e tá vivo é muito bom.” (H6)

A maneira preconceituosa com que a sociedade lida com a sexualidade de pessoas com deficiência tem a ver com a maneira pela qual, em geral, se tratam das diferenças em relação aos padrões ditos normais pela sociedade. Todos vivem sob conceitos de mensagens ridículas que retalham o que as pessoas devem ser e como devem agir. Perante esses padrões de comportamento e aparências, que não estão relacionados somente a aspectos socioeconômicos, mas

também aos aspectos afetivos e sexuais, edifica-se um ideal de sexualidade feliz que coloca em desvantagem aqueles que são diferentes, no caso, deficientes e que, de modo equivocado, são deixados de lado dessa possibilidade baseando-se em crenças preconceituosas (MAIA, RIBEIRO, 2010).

Os mitos têm sido usados para justificar a segregação de pessoas com deficiências na sociedade. Esclarecer e refletir sobre questões do preconceito que se relacionam ao corpo com deficiência, sobre os limites subjetivos e objetivos para viver e expressar a afetividade e a sexualidade, a partir de uma leitura social e cultural da deficiência e da sexualidade, parece ser um caminho promissor para contribuir na superação da discriminação social e sexual que prejudica os ideais da sociedade inclusiva (MAIA, RIBEIRO, 2010).

O modelo do deficiente como um ser humano sexualmente agressivo ou assexuado, é a ampliação de uma visão popular como um ser demoníaco ou infantil. Estes significados sociais se tornam justificativas para negação de sua sexualidade e para a ausência de orientação sexual necessária a esta população (GLAT, 2007).

CONCLUSÃO

Foi verificada neste estudo que a sexualidade dos homens após a deficiência é grifada pela sociedade como anormal, pois os estigmas e preconceitos vivenciados pelos mesmos os afetam de forma direta ou indireta. Eles, em particular, sofrem com indagações preconceituosas relacionadas à ereção, a desejo e satisfação sexual.

As pessoas com deficiência não precisam de piedade, de compaixão, de esmolas e nem tão pouco de desprezo. Elas precisam mesmo é de compreensão quanto à sua condição e, principalmente, de ações que tornem seu comportamento e sua aparência menos excludente e que possam exercer todos os seus direitos e deveres em igualdade com toda a população.

Políticas públicas de saúde voltadas a saúde do homem, englobando a sexualidade de homens deficientes físicos, devem ser desenvolvidas para que essa parcela da população seja melhor assistida, sendo que, as mediadas de educação deveriam ser desenvolvidas para que a população conhecesse mais sobre a vida de pessoas com deficiências e soubesse que os mesmos podem ter uma vida como a de todos, incluindo realizarem atividades sexuais.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, R. S. **Sexualidade de Mulheres com Deficiência Adquirida**: Enfermagem na promoção da saúde e empoderamento. 2011. p. 93. Tese (Doutorado em Enfermagem) -Faculdade de Farmácia Odontologia e

Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2011.

CONDÉ, G. A. **Prática e satisfação sexuais pré e pós-lesão medular**. 2006. p. 51. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Fisioterapia) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2006.

FRANÇA, I. S. X. ; CHAVES, A. de F. Sexualidade e paraplegia: o dito, o explícito e o oculto. **Acta Paul Enferm.** Campina Grande, Paraíba, v.18, n.3, p. 253-259, 2005.

GLAT, R.; FREITAS, R. C. de. **Sexualidade e Deficiência Mental**: pesquisando, refletindo e debatendo sobre o tema. Questões atuais em educação especial II. Editora 7 Letras, Rio de Janeiro, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística. **Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência**. Censo Demográfico, Rio de Janeiro, p.1-211, 2010.

LEOPARDI, M. T. **Metodologia da pesquisa na saúde**. 2 ed. Florianópolis: UFSC/Pós-Graduação em Enfermagem, 2002.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO P. R. M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Rev. Bras. Ed. Esp. Marília**, v.16, n. 2, p 169-176, 2010.

MARTINS, J. A. **Aspectos da Experiência da Deficiência Física**: uma abordagem sócio-antropológica. p. 146. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2009.

MARTINS, J. A.; BARSAGLINI, R. A. Aspectos da identidade na experiência da deficiência física: um olhar socioantropológico. Uma visão sócio-antropológica. **Rev. Inter. – Comun. Saúde**, ed. v.15, n.36, Botucatu, SP, 2010.

PEREIRA, R. J. **Anatomia da Diferença**: Uma investigação teórico-descritiva da deficiência à luz do cotidiano. 2006. p.174. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro, 2006.

SANTOS, M. W. B. **Sexualidade da pessoa com deficiência mental**: entre discursos de verdade e a possibilidade de outras práticas de si. Dissertação (mestrado). p. 158. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS, 2007.

SILVA, L. C. A. da; ALBERTINI, P. L. C. A. da. A reinvenção da sexualidade masculina na paraplegia adquirida. **Rev. Dep. Psicol.** UFF, v.19, n.1, p.37-48. 2007.

TEIXEIRA, A. M.; GUIMARÃES, L. Vida revirada: deficiência adquirida na fase adulta produtiva. **Rev. Mal-Estar Subj.** v.6, n.1, Fortaleza, mar. 2006.